UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO-UEMA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, ENSINO NARRATIVAS

IMPACTOS GERADOS PELA EXISTÊNCIA OU INEXISTÊNCIA DE FORMAÇÃO DO PROFESSOR DOS NÍVEIS FUNDAMENTAL II E MÉDIO NO ENSINO DE HISTÓRIA EM ARARI.

Linha de pesquisa: Historiografia e Ensino

Terezinha Maria Bogéa Gusmão

SÃO LUÍS
2017

TEREZINHA MARIA BOGÉA GUSMÃO

IMPACTOS GERADOS PELA EXISTÊNCIA OU INEXISTÊNCIA DE FORMAÇÃO DO PROFESSOR DOS NÍVEIS FUNDAMENTAL II E MÉDIO NO ENSINO DE HISTÓRIA EM ARARI.

Projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História, Ensino e Narrativas – PPGHEN da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA como requisito para aprovação na seleção do mestrado.

SÃO LUÍS
2017

SUMÁRIO

1. JUSTIFICATIVA.....3

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....5

3. OBJETIVOS.....13

3.1 OBJETIVO GERAL.....13

3.2 OBEJETIVOS ESPECÍFICOS..... 14

4. METODOLOGIA.....14

5. CRONOGRAMA.....14

6. REFERÊNCIAS.....15

1. JUSTIFICATIVA

É intrigante observar ao longo dos anos certa insatisfação e desinteresse dos alunos do Ensino Fundamental II e Médio na ministração das aulas de História, sendo estas tão importantes para formação do cidadão analítico e crítico. Existem vários estudos acadêmicos sobre o ensino de História, porém, cremos que ainda são poucos os relacionados a vertente do desinteresse do aluno à disciplina mencionada. Foi a observação dessa realidade no cotidiano da experiência docente que motivou esta proposta de pesquisa, aqui intitulada *"Impactos gerados pela existência ou inexistência de formação do professor dos níveis Fundamental II e Médio no ensino de História em Arari".*

É perceptível a relevância da formação do professor de História para despertar o interesse do aluno em sala de aula. Leandro Karnal relata que "um professor mal preparado e desmotivado não consegue dar boas aulas, nem com o melhor dos livros, ao passo que um bom professor pode aproveitar-se de um livro com falhas para corrigi-las e desenvolver o velho e bom espírito crítico entre os seus alunos"[1].

Visando compreender a esfera de desinteresse dos alunos pelo ensino de História, alguns questionamentos são pertinentes acerca dessa realidade. Por que muitos alunos não gostam do ensino de História? O fato de muitos professores ensinarem História sem a devida formação acadêmica na área tem alguma relação com o desinteresse do aluno? O desinteresse dos alunos pelas aulas de História está relacionado à noção de que História "é coisa do passado"? O desinteresse ao ensino de História decorre da metodologia ou da formação do professor? O que fazer para tornar as aulas mais prazerosa ao aluno e torná-lo participativo e sujeito atuante na sala de aula de História? A falta de atenção e participação do aluno no ensino de História é devido à má escola do livro didático feita pelo professor? Essas e muitas outras perguntas têm pairado na mente dos professores de História nesses níveis de ensino.

Esse projeto pretende encontrar soluções ou minimizar as angústias sentidas pelos professores de História de Arari, mediante o marasmo dos alunos quanto a disciplina. Tenta contribuir ao repensar o chão da sala de aula de História e ao mesmo tempo, proporcionar aos

[1] KARNAL, Leandro. História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. 3 ed. – São Paulo: Contexto, 2005, p. 22.

professores e alunos um novo pensar e agir acerca da importância do estudo de História, apresentando como produto final um livro com orientações referente a temática.

Apoiada na linha de pesquisa "Historiografia e Ensino", este projeto de pesquisa contará com subsídio bibliográfico, juntamente com a pesquisa de campo, com a finalidade de responder aos questionamentos sobre a importância da formação acadêmica e continuada dos professores de História e os impactos que podem ser sentidos ou não em uma sala de aula.

Percebemos a relevância deste projeto ao observamos que nas escolas municipais e estaduais de Arari, ainda existem muitos professores que ministram o ensino de História com formação acadêmica em outras áreas, mostrando pouca habilidade para desenvolver os conteúdos e estratégias, aspectos fundamentais para o exercício da ministração das aulas. Acreditamos que essa prática gera um impacto negativo sobre o alunado, uma espécie de "fadiga", que ainda o possibilita permanecer como um mero receptor de conteúdo, que considera não lhe ser importante, dissociado da sua realidade e muito menos atraente! Portanto, é necessário que o ensino de História em Arari seja repensado. Sabemos que

> O papel do professor é levar o aluno a ler o mundo por meio de ações práticas e contextualizadas, de caráter experimental e de iniciação à investigação, permitindo ao discente o contato com ações próprias do processo de produção da ciência histórica. É importante que o professor esteja atento à sua função de orientador e incentivador da aprendizagem dos alunos. Estes precisam vivenciar a percepção, a intuição, a crítica e a criação, indo além do conhecimento comum que serviu como incentivo inicial à problematização"[2].

Percebe-se, para que haja o interesse do aluno pelo ensino de História, o professor tem que conduzi-lo a observação da realidade, do local em que está inserido, relacionando e dando significado ao estudo ministrado. Dessa forma, estimulando a capacidade de investigação e interpretação dos temas em problematização.

Desse modo, compreendemos que a linha de pesquisa e o eixo escolhido conduzirão a investigação, reflexão e finalmente a produção de um livro com orientações que apoiará os professores de História do Ensino Fundamental II e Médio em Arari, na tentativa de melhorar a sua prática docente, e motivar o aluno a se interessar pelo ensino de História, possibilitando-o ser um agente de transformação social.

---

[2] AZEVEDO, Crislane Barbosa/LIMA, Aline Cristina Silva. Leitura e compreensão do mundo do mundo na educação básica: o ensino de História e a utilização de diferentes linguagens em as de aula. Joaçaba: Roteiro, 2011, p. 55-80.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Esta pesquisa tentará responder alguns questionamentos dos professores da rede pública arariense, acerca dos *""Impactos gerados pela existência ou inexistência de formação do professor do nível fundamental no ensino de História, no Município de Arari"*. Propõe ~~a~~ realizar um estudo entre a produção do conhecimento acadêmico e a realidade avaliando o desinteresse dos alunos, que frustram e angustiam a maioria dos professores de História. Também pretende verificar se esse marasmo discente ocorre, principalmente, devido a não formação dos docentes na área de História, no Ensino Fundamental.

Para tanto, é necessário que o professor tenha uma boa formação em sua área para que possa se apropriar do conhecimento histórico que lhe possibilitará desenvolver diferentes tipos de linguagens e técnicas de ensino, típicas da sua área de modo a ~~para~~ viabilizar um processo de ensino-aprendizagem significativo para o aluno. Sempre que possível, a abordagem deve priorizar elementos que estejam ao seu redor, com exemplificações cabíveis ao conteúdo estudado, ou seja, problematizando para despertar interesse por parte do alunado. Sem uma formação acadêmica e continuada em sua área, é impossível o professor executar esse tipo de prática. Gerando um distanciamento do aluno em relação a querer apender História, que para muitos "é pouco legal"[3].

Uma pesquisa realizada em 2000, no Rio de Janeiro, mostrou discrepância entre professores e alunos quanto aos motivos que levariam a opinião de que "aprender é pouco legal". Os alunos mencionaram as contingências aversivas em aulas chatas, notas baixas e os professores mencionam que os alunos têm outras atividades reforçadoras incompatíveis ao assistir aula, como namorar ou conversar com os colegas. Tal discrepância indica que talvez os professores não estejam sensíveis aos controles aversivos sobre o comportamento ou que seria pior, os identificam, mas não os julgam prejudiciais e nem dignos de nota[4]. idem

Mediante essa realidade, o silêncio <u>que</u> predomina na sala, não é indicador de disciplina e interesse, mas indicador de que a manifestação da busca do saber não tem sido suficientemente reforçada. Talvez porque ainda não sabemos lidar devidamente com o novo contexto das profundas mudanças tecnológicas e de comunicação proporcionada pelas mídias

[3]BASTOS, E.S.B. Interpretação verbal professor-aluno. Em G.S. Moraes (org.). pesquisa e realidade no ensino do primeiro grau. São Paulo: Cortez, 1980

[4] CALDAS, R.F & HUBNER, M.M.C. O desencantamento com o aprender na escola: o que dizem alunos e professores da Educação Infantil ao Ensino Fundamental. Dissertação de Mestrado apresentada a universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo: Contexto, 2000

em que o nosso aluno do Nível Fundamental está em convívio[5].

Presenciamos como consequências desse "silêncio em sala de aula", "com tristeza", ano após ano, adolescentes amassando provas, xingamentos direcionados a professores, demonstração de uma imensa alegria ao término das aulas e, posteriormente, alunos adultos acríticos, calados, subservientes, com pouca ousadia, criatividade e disposição para o livre debate de ideias[6]. Isto sem mencionar a transformação das capas dos livros em leques para combater o calor em sala de aula, uma clara demonstração da aversão ao livro didático (ou ao professor?) que, para muitos se torna é um estorvo, um peso que tem que carregar para a escola.

Se quisermos uma cultura de crianças, jovens e adultos assertivos, participativos e críticos, precisamos, definitivamente, abandonar o sistema aversivo nas escolas e dar lugar a incentivo, ao elogio, às práticas para o desejado comportamento de perguntar e de se expor oralmente. Essa conduta aversiva considerada como reflexo do desinteresse do alunado pelos conteúdos trabalhados em sala de aula precisa ser rompida[7].

Ao longo dos anos se constituiu um debate a respeito do que e como ensinar História no Brasil, desde o momento de institucionalização da disciplina escolar, no currículo obrigatório do século XIX[8]. No primeiro momento, apresentando o professor como o detentor do conhecimento e divulgando a história das elites e seus heróis. No entanto, essa concepção foi modelada de acordo com as mudanças históricas sociais ocorrida significativamente a partir da segunda metade do século XX, "principalmente no final deste, causando muitas perplexidades entre professores e estudantes de história em geral, criando em certos círculos, atitudes de ceticismos com relação ao próprio conhecimento histórico, o valor do ensino de História nas escolas e seu potencial transformador"[9].

A partir desse momento tem-se um novo olhar para o aluno, como protagonista ou sujeito da sua própria história, levando em consideração o local em que está inserido. Também observando a necessidade de mudanças quanto ao ministrar as aulas de história para

[5] PINSKY J. & PINSKY C.B. Por uma História prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro (org.). História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. 3ed. – São Paulo: Contexto, 2005.
[6] Idem
[7] Idem
[8] SCHMIDT, M.A. A formação do professor de história. In: BITTENCOURT, C. (Org.). O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 1998
[9] THOMPSON, E.P. A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p.8.

que haja valorização, motivação e interesse de professores e alunos no ensino de História.

Procurando acompanhar as mudanças, muitos professores acabam comprando a ideia de que tudo que não é muito veloz é chato. Na sala de aula, o pensamento analítico é substituído por "achismos", alunos trocam a investigação bibliográfica por informações superficiais dos sites "de pesquisa pasteurizados, vídeos são utilizados para substituir livros. O que pode ocasionar distorções concernentes aos acontecimentos, de fato, ocorridos em determinado tempo e espaço se o profissional do ensino da História não estiver adequadamente imbuído do conhecimento histórico. Para tanto, é notória a necessidade da formação acadêmica e continuada do professor para que certas permanências em sua práxis sejam abolidas ou melhoradas[10]. Infelizmente, no município de Arari, ainda temos muitos professores que não são formados em História lecionando a disciplina, gerando um impacto negativo quanto ao interesse e aprendizagem do aluno na matéria.

Um dos princípios constitutivos da História é o de ordem teórica, ou seja, diz respeito às orientações e discussões sobre as condições, finalidades e objetivos do ensino de história e envolve questões como "para que serve ensinar a história?", "por que trabalhar história na escola?" e "que significado tem a história para alunos e professores?". A resposta a estas indagações pode ser encontrada em vertentes historiográficas que entendem a história como o estudo da experiência humana no tempo[11]. Porém, isso só é possível quando o professor é capacitado a realizar tais intervenções.

É imprescindível o "exercício de conhecer, a partir de um processo de ensino articulado com a iniciação à investigação, em decorrência da exigência de conhecimentos referentes às linguagens utilizadas em sala de aula, o que contribui para uma aprendizagem significativa do aluno, pois faculta a estes saberes à leitura e compreensão do mundo que o cerca"[11].

É importante salientarmos que hoje é fundamental atentarmos às leituras estreitas feitas por profissionais especializados sobre a influência da nova História no ensino para que a História não venha a ser ensinada como um amontoado de curiosidades, provenientes de um cotidiano despolitizado, sendo possível ser trabalhada e compreendida a partir do uso meramente ilustrativo de recursos didáticos variados. É preciso que o professor tenha domínio a respeito das novas linguagens e fontes levadas à sala de aula[12], para que o ensino de História não assista à dissolução das suas especificidades, e logo, tenha fragilizada a sua solidez característica.

[10] ABUD, Kátia Maria. A guardiã das tradições. Educar em Revista, Curitiba Brasil. Editora UFPR, 2011.
[11] Idem
[12] Idem

O professor, sem o devido conhecimento da historiografia pode deixar muito a desejar na ministração de suas aulas ao utilizar textos que não lhe dá um embasamento consistente, assim como usar filmes, ou documentários. Não podemos trabalhar esse tipo recursos se, de fato, se não houver um conhecimento por parte do docente, até mesmo, porque a indústria cinematográfica, o que ela visa é a obtenção de lucros. Por isso, ela incrementa com ficções e aventuras tais, para prender o público. Portanto, o professor tem a obrigação de separar o que é fato histórico de ficção[13].

Quando o professor não é da área da História pode ocorrer, por exemplo, passar um filme e não fazer relação alguma com a realidade histórica ocorrida ou cair no total desinteresse dos alunos esse tipo de metodologia, já que as considerações pertinentes podem não ocorrer, o que pode levar ao desinteresse do alunado. "É preciso dominar o conhecimento histórico, as novas técnicas, linguagens e fontes que se pretende utilizar em sala de aula, para que haja aprendizagem"[14]. Acreditamos que a escola, como uma instituição social, precisa se apropriar de tais linguagens como instrumentos que possibilitem a melhoria das práticas pedagógicas. O uso, no entanto, não deve ser feito como mera ilustração, como algo complementar e definidor do conteúdo ensinado, mas como objeto de leitura, reflexão e interpretação durante as aulas[15].

A partir do seu presente e de sua experiência, professores e alunos se apropriam da história como uma ferramenta com a qual, podem romper, com a linearidade de determinadas narrativas históricas. Para tal, a formação do docente é fundamental para existência desse processo. Tais constatações reafirmam a relevância dos processos de desenvolvimento profissional de professores, em oposição à concepção de treinamentos ou cursos de capacitação docente, ainda tão presente nos sistemas de ensino[16]. Dessa forma,

> evidencia a possibilidade que o ensino de história tem de formar a consciência histórica crítico-genética: crítica porque os alunos e professores puderam comparar situações relacionadas a determinados acontecimentos históricos a partir de referências temporais individuais e coletivas genética porque eles se apropriaram das informações recriando-as na dimensão das diferenças, das mudanças e das permanências (...) Portanto, a consciência histórica tem uma "função prática" de dar identidade aos sujeitos e fornecer à realidade em que eles vivem uma dimensão

[13] AZEVEDO, Crislane Barbosa/LIMA, Aline Cristina Silva. Leitura e compreensão do mundo do mundo na educação básica: o ensino de História e a utilização de diferentes linguagens em as de aula. Joaçaba : Roteiro, 2011.
[14] KARNAL, Leandro. História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. 3 ed. – São Paulo: Contexto, 2005.
[15] BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Parâmetros curriculares nacionais: História e Geografia – 1ª a 4ª séries. Brasília, DF: MEC/SEB, 1997.
[16] FONSECA, Selva G. Didática e prática de ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados. Campinas: Papirus, 2003.

> temporal, uma orientação que pode guiar a ação, intencionalmente, por meio da mediação da memória histórica [17].

As atuais Propostas Curriculares Nacionais (PCNs) relacionam uma série de características e possibilidades de trabalho para o professor pesquisador, tais como: a preocupação com um ensino de História articulado à realidade do aluno, a atenção à historicidade dos conceitos, a ênfase nas relações presente/passado, a substituição da memorização pura e simples pela reflexão, a promoção de um ensino plural e a valorização da história local. Todas essas possibilidades voltadas à valorização de um ensino articulado com a iniciação a práticas de investigação[18].

A escolha dos materiais que levamos para as salas de aula depende de nossas concepções sobre o conhecimento, de como o aluno vai apreendê-lo e do tipo de formação que estamos oferecendo. O domínio metodológico decorre de tais concepções e não pode ser confundido com o simples domínio da técnica de manusear determinados suportes tecnológicos[19].

Os conteúdos não podem ser esquecidos ou obscurecidos pelas inovações no ensino, estas precisam ser utilizadas em prol da melhoria do aprendizado desses conteúdos, e, para que a explicação histórica não sofra e se perca em meio às diferentes linguagens e fontes é necessário o domínio teórico e metodológico do professor acerca desses materiais[20].

A simples incorporação de diferentes e novas linguagens não representa inovação nas práticas pedagógicas. Seu uso deve estar associado a uma metodologia de ensino que tome por base a problematização do conhecimento. Dessa forma, pensamos tais linguagens como um caminho para a aprendizagem do conhecimento histórico apoiado no exercício da observação, leitura, interpretação, comparação, escrita e mesmo na expressão criativa dos alunos, tudo, certamente, bem orientado pelo professor[21].

O embasamento no conteúdo específico do professor de História é necessário para as intervenções conteudistas mediante a aplicação de outros recursos além do livro didático. Acreditamos que o docente, cujos princípios históricos e pedagógicos estejam claramente definidos poderá, mesmo com uma obra deficiente acerca de algum aspecto, fazer bom uso

---

[17] BITTENCOURT, Circe M. F. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004.
[18] RUIZ, Rafael. Novas formas de abordar o ensino de História. In: KARNAL, Leandro (org.). História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. 3 ed. – São Paulo: Contexto, 2005.
[19] Idem
[20] Idem
[21] Idem

dela junto ao aluno[22]. Isso se torna possível quando o professor, por exemplo, diante de certa lacuna sobre determinado conteúdo apresentado no livro, complementá-lo com explicações e até outros recursos como um documento de época ou texto complementar.

O grande desafio que se apresenta nesse novo milênio é adequar o nosso olhar às exigências do mundo real sem sermos sugados pela onda neoliberal que parece estar empolgando corações e mentes. É preciso, nesse momento, mostrar que é possível desenvolver uma prática de ensino de História adequada aos novos tempos e alunos: rica de conteúdos, socialmente responsável e sem ingenuidade e nostalgia[23]. Mas tentando envolver o aluno de tal forma, a perceber-se como protagonista de sua própria história, como já fizeram muitos que o antecedeu. Por isso, **e**nfatiza-se que

> é necessário que o ensino de História seja revalorizado e que os professores dessa disciplina se conscientizem de sua responsabilidade social perante os alunos, preocupando-se em ajudá-los a compreender e melhorar o mundo em que vivem (...) Sabemos que a informação chega pela mídia, mas, só se transforma em conhecimento quando devidamente organizada. E confundir informação com conhecimento tem sido um dos grandes problemas de nossa educação (...) Exatamente porque as informações chegam aos borbotões, por todos os sentidos, é que se torna mais importante o papel do bom professor[24].

Para isso, a formação deste é fundamental para execução do que propõe este projeto, principalmente mediante ao avanço dos meios de comunicações acessíveis aos nossos alunos. Se o professor estiver despreparado ele não terá como despertar, motivar o interesse do discente, ao contrário pode cair em total descrédito.

Por outro lado, isso não terá nenhum valor operacional se ele não conhecer o universo sociocultural específico de seu educando, sua maneira de falar, seus valores, suas aspirações. A partir desses dois universos culturais é que o professor realiza o seu trabalho, em linguagem acessível aos seus alunos. Diga-se que de passagem, linguagem acessível, não é sinônimo de banalização[25]. O Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio (PNEM) coloca uma exigência que não é nova, pois remonta as ideias socráticas sobre a educação do homem, a "formação humana integral" que ao meu ver deve ser aplicada e trabalhada a partir do Nível Fundamental.

---

[22] RUIZ, Rafael. Novas formas de abordar o ensino de História. In: KARNAL, Leandro (org.). História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. 3 ed. – São Paulo: Contexto, 2005

[23] KARNAL, Leandro. História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. 3ed. – São Paulo: Contexto, 2005

[24] BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Formação de professores do Ensino Médio, etapa I-caderno I: Ensino Médio e Formação humana integral/ Ministério da Educação; autores: Carmen Silva Vidigal Moraes...et al.- Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2013.

[25] HOBSBAWM, Eric. História social do jazz. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

Mediante ao exposto defendemos a necessidade da formação acadêmica e continuada do professor no município de Arari para melhor, disponibilização de aulas que estejam coerentes tanto quanto aos conteúdos que devem ser trabalhados, quanto a sua relação desses com a localidade que o discente está inserido.

Partindo para as abordagens mais adequadas à prática do ensino de História em sala de aula, percebemos que existem algumas formas interativa e interessantes de ministra-los que possam despertar o interesse dos alunos, tais como: "a *possibilidade interpretativa da música e dos textos literários*, que tem como um dos precursores nessa linha Eric Hobsbawm" ,

> a História em linguagem quadrinhística**,** a leitura histórica de documentos, imagens em movimentos em sala de aula representados nos curtas metragens, nos filmes e documentários, teatro de fantoche ou encenações (recortes dos fatos) além, dos indispensáveis livro didático e paradidático[26].

A deficiência de leitura tanto de textos narrativos quanto de imagens por parte dos estudantes é, sem dúvida, um problema nas nossas escolas. Uma linguagem capaz de articular leitura textual e visual e passível de uso em sala de aula é, certamente, a história em quadrinhos (HQs). Antes de seu uso, no entanto, o professor precisa refletir teórico-metodologicamente acerca dos principais recursos constituintes da linguagem quadrinhística[27]. O trabalho com imagens e sua demonstração como fonte histórica são importantes atividades a serem desenvolvidas em sala de aula. Nesse sentido, é imprescindível fazer com que os alunos percebam a importância de refletir sobre o que veem e a partir disso, interpretar, compreender e reinterpretar a história.

Já a leitura histórica de documentos se faz necessária para o ensino de História, como estratégia motivadora, "o caso do ensino de História desenvolvido na educação básica, os alunos teriam contato com experiências problematizadoras e com o uso de documentos históricos. Na busca por tal iniciação, a utilização desses documentos em sala de aula adota como objetivo a construção de conceitos, o confronto de informações e as possibilidades de uma leitura do mundo"[28].

No caso das imagens em movimentos em sala de aula representados nos curtas metragens, nos filmes e documentários, produzidos pela TV e cinema é exemplos também de diferente linguagem com referência a imagens.

---

[26] Idem

[27] BIBE-LUYTEN, Sônia M. O que é história em quadrinhos. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

[28] AZEVEDO, Crislane Barbosa/LIMA, Aline Cristina Silva. Leitura e compreensão do mundo do mundo na educação básica: o ensino de História e a utilização de diferentes linguagens em as de aula. . Joaçaba : Roteiro, 2011.

> Hoje, os historiadores se deparam com um fenômeno histórico singular e que precisa ser enfrentado de forma consistente: a transformação do acontecimento em imagem. Isso nos leva a questionar como tal fato é recebido pelos alunos, e diante disso, partir para leituras sobre o tema, planejamento e execução de atividades contextualizadas, seguidas de análise a respeito dos seus resultados, considerando a importância de verificar a necessidade de implementação de novas ações planejadas. Todo o cuidado é pouco com a incorporação das diferentes linguagens, principalmente em uma época de desvalorização do conteúdo socialmente acumulado pelo conhecimento científico, momento em que grande parte dos alunos não percebe a importância de se estudar história[32].

O professor de História, de posse de um conhecimento específico em teoria e metodologia, obtido durante a graduação e o exercício contínuo e planejado da profissão, pode levar ao aluno reais possibilidades de interpretação da obra cinematográfica, ou seja, tratar o filme como um documento. Em termos de análise didática, de modo geral, com base em estudos na área, podemos considerar três aspectos fundamentais para a análise de filmes: os elementos que compõem o conteúdo; o contexto social e político de produção da obra e a recepção do filme pelo público[29] para que as intervenções sejam precisas o professor tem que está apto para fazer essas considerações, ou seja, ser conhecedor do objeto de estudo da História que é próprio homem no tempo e em seu espaço específico.

É imprescindível nesse processo de interação das linguagens, metodologia e recursos históricos, abordarmos o *livro didático* como documento que tem como

> característica principal a complexidade, pois ao mesmo tempo que é um instrumento pedagógico, é também um objeto da indústria cultural. Um veículo portador de um sistema de valores, de uma cultura e mesmo de uma ideologia, não sendo dessa forma um objeto neutro, imparcial, diante da complexidade do real histórico. Os livros didáticos são ainda condicionados por razões econômicas, ideológicas e técnicas[30].

O professor a cabo de sua formação, no entanto, junto aos seus alunos deve analisá-lo e criticá-lo de forma a manter-se imparcial, instruindo o aluno a questionar os fatos em estudo, sempre que necessário e preferencialmente contextualizando com a sua realidade. Acreditamos que o docente cujos princípios históricos e pedagógicos estejam claramente definidos, poderá, mesmo com uma obra deficiente acerca de algum aspecto, fazer bom uso dela junto ao aluno.

Os livros didáticos, em suas transformações ao longo do tempo, podem denunciar características da sociedade da época em que foram produzidos, tendo, dessa maneira, a possibilidade de representar as expectativas e os anseios, bem como as mentalidades das sociedades escolarizadas. Assim, é preciso compreender que os manuais didáticos, como

[29] BITTENCOURT, Circe M. F. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004.
[30] Idem

documentos, representam o conteúdo específico de uma área de conhecimento relacionada a uma determinada perspectiva pedagógica, carregando em si a configuração didática de um período. Além disso, retratam um tipo de aluno e um sujeito que se desejava formar[31].

A simples incorporação dessas diferentes e novas linguagens não representa inovação nas práticas pedagógicas. Seu uso deve estar associado a uma metodologia de ensino que tome por base a problematização do conhecimento. Dessa forma, pensamos tais linguagens como um caminho para a aprendizagem do conhecimento histórico apoiado no exercício da observação, leitura, interpretação, comparação, escrita e mesmo na expressão criativa dos alunos, tudo, certamente, bem orientado pelo professor[32], que deve estar devidamente preparado para a execução dessas práxis.

Se trabalhadas de forma integrada chega-se ao melhor dos mundos, olha-se a partir de diferentes pontos de vista. Além disso por meio desses olhares, poderá o professor re(aproximar) o aluno do estudo de História. E quem sabe explorar muitas das possibilidades que o contato com nossa disciplina permite, inclusive de nos percebermos, de fato, como sujeito da História.

Quanto mais o aluno sentir a História como algo próximo dele, mais ele sentirá vontade de interagir com ela, não como uma coisa externa, distante, mas como uma prática que ele se sentirá qualificado e inclinado a exercer. "O verdadeiro potencial transformador da História é a oportunidade que ela oferece de praticar a 'inclusão histórica"[33].

Portanto, este projeto pretende mostrar que uma boa formação dos professores acrescida de uma metodologia dinâmica, sem onerar o hábito da leitura e reflexão podem despertar o interesse de nossos alunos do Nível Fundamental, quanto ao ensino de História no município de Arari.

3. OBJETIVOS

3.1 GERAL

Perceber os impactos negativos gerados pela falta de formação acadêmica ou continuada do professor de História no município de Arari e a necessidade imprescindível para a formação dos mesmos, para dinamizar a ministração de suas aulas de modo que possam ser

[31] VESENTINI, Carlos A. História e ensino: o tema do sistema de fábrica visto através de filmes. In: BITTENCOURT, Circe M. F. (Org.). O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 1997.
[32] Idem
[33] PINSKY J. & PINSKY C.B. Por uma História prazerosa e consequente. Em Leandro Karnal (org.). História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. 3ed. – São Paulo: Contexto, 2005.

“significativas e interessantes” para os alunos. Pretendemos investigar se a contextualização possibilitará ao aluno maior interesse pelo ensino de História, dando-lhe subsídio para entender os fatos, analisá-los, compreendê-los e apreender, tornando-se um aluno capaz de iniciar o seu processo de criticidade e mudanças. Ao final será apresentado um livro com orientações, que lhe possibilitará vislumbrar a história a partir da sua realidade local e sobre como o professor de História do município de Arari poderá desenvolver melhor o seu trabalho em sala de aula.

3.2 ESPECÍFICOS

- Identificar o percentual de professores formados e não formados que ministram a disciplina de História no Ensino Fundamental e Médio, no município de Arari objetivando saber qual o impacto da formação na prática docente;
- Investigar como os professores realizam sua prática docente e quais metodologias e recursos utilizados no processo de ensino-aprendizagem na sala de aula;
- Ouvir professores e alunos sobre os entraves ao ensino-aprendizado de História, a fim de propor caminhos para uma postura contextualizadora, reflexiva, consciente e crítica.

4. METODOLOGIA

Os procedimentos para a realização completa desta proposta de pesquisa serão organizados em três fases, a saber: levantamento e análise bibliográfica, referente a necessidade da formação do professor de História para melhor ministração de suas aulas. Nesta etapa nos apropriaremos de conceitos e abordagens das atuais vertentes historiográficas a fim de compreender melhor as possiblidades de análises das atuais tendências historiográficas no ensino escolar. Na segunda fase, os dados serão levantados por meio de questionários e entrevistas aplicados a professores e alunos do município de Arari do Ensino Fundamental II e Médio. Com base nessas informações será analisado o desempenho e interesse de ambos em relação as aulas. Por fim, a terceira etapa resultará em um livro com orientações, para melhorar a prática docente e dinamizar as aulas de História.

5. CRONOGRAMA

1º ano/meses												
Atividades	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º	10º	11º	12º
Disciplinas	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Levantamento e análise bibliográfica						X	X	X	X			
Leitura e aplicação de questionários e entrevistas						X	X	X	X	X	X	X

2º ano/meses												
Atividades	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º	10º	11º	12º
Escrita parcial do texto	X	X	X	X	X	X						
Qualificação						X						
Elaboração final e defesa do texto	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

REFERÊNCIAS

7. ABUD, Kátia Maria. A guardiã das tradições. Educar em Revista, Curitiba Brasil. Editora UFPR, 2011.

AZEVEDO, Crislane Barbosa/LIMA, Aline Cristina Silva. Leitura e compreensão do mundo do mundo na educação básica: o ensino de História e a utilização de diferentes linguagens em as de aula. . Joaçaba : Roteiro, 2011.

BASTOS, E.S.B. Interpretação verbal professor-aluno. Em G.S. Moraes (org.). pesquisa e realidade no ensino do primeiro grau. São Paulo: Cortez, 1980.

BIBE-LUYTEN, Sônia M. O que é história em quadrinhos. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BITTENCOURT, Circe M. F. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004.

BITTENCOURT, Circe M. F. (Org.). O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Parâmetros curriculares nacionais: História e Geografia – 1ª a 4ª séries. Brasília, DF: MEC/SEB, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Formação de professores do Ensino Médio, etapa I-caderno I: Ensino Médio e Formação humana integral/ Ministério da Educação; autores: Carmen Silva Vidigal Moraes...et al.- Curitiba: UFPR/Setor de Educação,2013.

CALDAS, R.F & HUBNER, M.M.C. O desencantamento com o aprender na escola: o que dizem alunos e professores da Educação Infantil ao Ensino Fundamental. Dissertação de Mestrado apresentada a universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2000.

FONSECA, Selva G. Didática e prática de ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados. Campinas: Papirus, 2003.

HOBSBAWM, Eric. História social do jazz. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

IANNONE, Leila R.; IANNONE, Roberto A. O mundo das histórias em quadrinhos. São Paulo: Moderna, 1994.

KARNAL, Leandro. História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. 3 ed. – São Paulo: Contexto, 2005.

MOYA, Álvaro de. História da história em quadrinhos. São Paulo: Brasiliense, 1993.

PINSKY J. & PINSKY C.B. Por uma História prazerosa e consequente. Em Leandro Karnal (org.). História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. 3ed. – São Paulo: Contexto, 2005.

RUIZ, Rafael. Novas formas de abordar o ensino de História. Em KARNAL, Leandro (org.). História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. 3 ed. – São Paulo: Contexto, 2005.

SCHMIDT, M.A. A formação do professor de história. In: BITTENCOURT, C. (Org.). O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 1998.

THEODORO, Janice. Educação para um mundo em transformação. Em Leandro Karnal (org.). História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. 3 ed. – São Paulo: Contexto, 2005.

THOMPSON, E.P. A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.8.

VESENTINI, Carlos A. História e ensino: o tema do sistema de fábrica visto através de filmes.